

tantes de algumas dezenas de organizações operárias, particularmente do Rio e do Estado de São Paulo. Duas correntes surgiram nele e se chocaram, a socialista e a anarquista: a primeira queria a fundação de um partido socialista; a segunda pretendia a fundação da Confederação Operária Brasileira, organização sindical, "apolítica". Triunfou esta, e as resoluções corresponderam, assim, à linha anarquista: não adoção de doutrina política ou religiosa, nem mesmo de programa eleitoral; repulsa à participação do Estado nas comemorações do 1º de Maio; adoção da forma sindical de organização; criação de federações de sindicatos e da Confederação Operária Brasileira; proibição da admissão de não-operários nos sindicatos, inclusive de operários com qualquer cargo de mando nas empresas; luta preferencialmente pela redução do horário de trabalho do que pelo aumento dos salários; abolição das multas nas oficinas e fábricas; luta pelas oito horas de trabalho e contra a guerra; luta contra o alcoolismo, e outros pontos<sup>(234)</sup>. Tais decisões refletir-se-iam na imprensa proletária de forma imediata e direta, aparecendo em quase todas as folhas que circulavam então: *O Baluarte*, de janeiro de 1907, órgão da Associação de Resistência dos Chapeleiros; *O Sindicato*, órgão da Associação dos Operários Barbeiros; nas que circulavam em S. Paulo, *A Luta Operária*, *O Padeiro*, *O Chapeleiro*, *Terra Livre*, *Novo Rumo*; nas que surgem no Rio, em 1910, como *A Guerra Social*, e, em 1911, como *A Defesa*, de Bagé, Rio Grande do Sul, em março, ou *O Proletário*, de Santos, em junho, ou *A Vanguarda*, do Rio em julho; e em 1912, como o mensário *A Voz do Trabalhador*, em Porto Alegre.

O anarquismo vivia em muito da atividade de imigrantes, particularmente italianos, mas também espanhóis e portugueses; a resposta das autoridades à agitação que desenvolviam foi pronta e radical; começou a ser aplicada a legislação que permitia expulsá-los. Vincenzo Vacirca, diretor do *Avanti*, foi expulso em 1908, e tornar-se-ia, pouco depois, deputado pelo Partido Socialista Italiano, fazendo campanha, então, contra os políticos e fazendeiros de café do Brasil; Oreste Ristori, quando vítima de idêntica medida, pela primeira vez, escreveu, na Itália, folheto que foi verdadeiro libelo contra a emigração de seus patrícios para o Brasil; Edmondo Rossoni, outro expulso, provocou escândalo, na Itália, com suas entrevistas e conferências sobre a maneira como os imigrantes eram tratados aqui. Rossoni era sindicalista típico, da escola de Enrico Leone, que pregava bastar-se o sindicalismo a si mesmo. A legislação que permitia as expulsões era "uma adaptação de leis criadas nos períodos terroristas por governos retró-

(234) *Estudos Sociais*, Rio, nº 16, de março de 1963.